

Mesmo com vitória Governo é minoria

Carmen Kozak

Apesar de ter vencido a batalha pela manutenção do veto ao projeto de política salarial, o governo sofreu mais uma derrota, pois, em termos numéricos, não tem a maioria no Congresso Nacional. Afinal, somados os números dos votos de deputados e senadores se constata que 64% dos congressistas foram contra o governo e apenas 32% apoiaram o Palácio do Planalto. A explicação generalizada para a falta de apoio consistente ao presidente Collor é: os políticos que lhe dão sustentação não estão sendo bem tratados pelo Executivo. O vice-líder do governo, senador Ney Maranhão (PRN-PE), advertiu para o perigo dessa "negligência": "O Palácio do Planalto terá que aprender a lidar com os políticos para evitar prejuízos maiores no futuro".

As queixas dos governistas vêm se repetindo desde o início do governo Collor e a primeira reação negativa se manifestou com a rejeição da Medida Provisória nº 184, que suspendia os efeitos das decisões dos Tribunais Regionais do Trabalho em dissídios coletivos por 180 dias. Esta semana o descontentamento, que é maior na Câmara, se confirmou mais uma vez. Antes da votação do veto, que é secreta, deputados do PDC, PDS, PTB e PFL já sinalizavam que votariam contra para protestar contra os maus tratos. Em uma conversa, os deputados Eduardo Siqueira Campos (PDC-TO), líder do partido, e Gerson Pêres (PDS-PA) comentavam: "Acho que o veto pode cair".

Peres foi um dos que não teve receio de comentar o "desrespeito" do governo em relação aos parlamentares que o apóiam. Citou como exemplo um fato ocorrido com ele, semanas antes, envolvendo o ministro da Educação, Carlos Chiarelli. "Marquei uma audiência com ele para as 9h00. Quando cheguei, pontualmente, a secretá-



Ney: 'Negligência é perigosa'

ria disse que o ministro estava ocupado. Aguardei até às 10h30 e quando fui perguntar o que estava havendo, recebi uma resposta difícil de engolir: "O ministro saiu". O vice-líder pedessista disse que o governo "não pode tratar assim quem lhe oferece apoio incondicional".

Constrangido, o líder do PDC concordou com essas ponderações. Siqueira observou que a bancada governista não está querendo "favores". "Não há fisiologismo, mas os deputados querem mais atenção e respeito, principalmente dos ministros".

Observando que o governo tem apenas 32% de apoio dentro do Congresso, o senador Ney Maranhão e o líder na Câmara, deputado Renan Calheiros (PRN-AL), pre-

tendem se reunir com o ministro da Justiça, Bernardo Cabral — que ainda é, oficialmente, o articulador político do Palácio — para traçar uma estratégia que neutralize esses "protestos". Maranhão adverte que, ao contrário do que se imagina, o maior problema está no Senado. Ele explica que a Câmara será renovada e, por isso, o trabalho poderá ser adiado "um pouco".

No Senado, segundo o vice-líder governista, a situação "é mais grave", porque a renovação será de apenas um terço. "Temos que começar a trabalhar desde já os 50 senadores que continuarão aqui na próxima legislatura". Lembrou que o veto foi mantido por uma margem muito pequena, já que faltaram apenas quatro votos para atingir os 38 necessários para a rejeição. Assim, caso a votação fosse conjunta — votos de senadores e de deputados computados de uma só vez —, a exemplo da Constituinte, o governo estaria derrotado.

A tese de Ney Maranhão, no entanto, pode ser equivocada. Na liderança do PFL, que, ultimamente, mais parece o muro das lamentações, o deputado José Luís Maia (PI) deixou claro que não tem mais qualquer compromisso com o governo Collor. Explicou que há algumas semanas um ministro visitou o seu Estado e ele sequer foi comunicado. "Sei que serei reeleito, mas quando voltar a minha postura será de independência".

Há fortes rumores de que o mesmo ocorrerá com o PDS. Um deputado muito ligado ao líder do partido na Câmara, Amaral Netto (RJ), disse que Collor perderá o apoio dele na próxima legislatura. O líder pedessista vem tendo sucessivos desentendimentos com o ministro da Infra-Estrutura, Ozires Silva, e em momento algum o Presidente da República interferiu em seu favor. "Se Collor perder o Amaral, parcela significativa da bancada o acompanha".

JORNAL DE BRASÍLIA

Jorge Cardoso 09.07.90

26 AGO 1990